

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RENATA BISCARO

**SERVAS DO DIABO:
O ESTEREÓTIPO DA BRUXA E A MULHER NO *MALLEUS MALEFICARUM***

**ERECHIM
2022**

RENATA BISCARO

SERVAS DO DIABO:

O ESTEREÓTIPO DA BRUXA E A MULHER NO *MALLEUS MALEFICARUM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Biscaro, Renata

Servas do Diabo: O estereótipo da bruxa e a mulher
no Malleus Maleficarum / Renata Biscaro. -- 2022.
f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2022.

1. Bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média. I.
Bittencourt, Paulo José Sá, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

RENATA BISCARO

SERVAS DO DIABO:

O ESTEREÓTIPO DA BRUXA E A MULHER NO *MALLEUS MALEFICARUM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 06/05/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt
Orientador

Prof.^a Dr.^a Débora Clasen de Paula
Avaliadora

Prof.^a Luciane Gressana
Avaliadora

Dedico esse trabalho a todas aquelas que
queimaram. Bruxas e mulheres.

AGRADECIMENTOS

Quando penso em gratidão, alguns nomes surgem em minha mente por diversos motivos. Pela inspiração desde a primeira semana em que ingressei no curso de História e pela atenção e paciência, agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Paulo Bittencourt. Por todo o carinho e auxílio em momentos de fraqueza e também por compartilhar comigo alegrias diárias, por me manter sempre de cabeça erguida e confiante, mesmo quando eu ousou duvidar de mim mesma, agradeço ao meu marido e meu amor, Eduardo. Pelo apoio, de todas as formas possíveis, que tive em todo momento, agradeço à minha base, meu refúgio, meu porto seguro, que tornaram possível a realização de um sonho, pois, se hoje concluo uma etapa para conquistar meus objetivos, devo a eles: minha mãe, Ieda e meu pai, Álvaro. Agradeço também minhas queridas amigas, que nunca deixaram faltar um abraço sincero em momentos de necessidade, que torceram por mim e comemoraram minhas conquistas. A todos vocês, obrigada!

“Ao nascer, a Bruxa não tem pai,
Nem mãe, nem filho, nem esposo, nem família.
É um monstro, um aerólito,
vindo não se sabe de onde.
Quem ousaria, ó Deus, dela se aproximar?
Onde está ela?
Nos lugares impossíveis,
na floresta das sarças, na charneca,
onde o espinho e o cardo enredados obstruem a passagem.
À noite, sob um antigo dólmen.
Mesmo que a encontremos,
continuará isolada pelo horror que provoca;
ao seu redor, um círculo de fogo.
Mas quem acreditará nisso?
Continua a ser mulher.
Até mesmo essa vida terrível,
comprime e estende a sua energia de mulher,
a eletricidade feminina.
[...] De uma espécie diferente,
sai Satã do seio ardente da Bruxa,
vivo, armado e pronto para atacar.
Por mais medo que sintamos,
temos que confessar que,
sem ele, morreríamos de tédio”
Jules Michelet, La Sorcière.

RESUMO

O presente trabalho dedica-se à análise do estereótipo da bruxa e de como se deu a construção dessa imagem demonizada, a qual ocasionou uma intensa perseguição liderada pela Igreja Católica, que teve como consequência a morte de centenas de milhares de pessoas no contexto da Europa medieval. Partiremos, então, para o principal objetivo da pesquisa, que é compreender o motivo que fez com que a abundante maioria dessas vítimas fossem mulheres, as quais foram diretamente relacionadas ao crime de bruxaria, devido a suposta inferioridade do feminino em relação ao masculino. Utilizaremos como fonte principal para a realização dessa pesquisa o “manual da inquisição” escrito em 1486 pelos próprios inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, o *Malleus Maleficarum*. Como metodologia, faremos uso da revisão bibliográfica, utilizando de livros essenciais para essa temática, como *Bruxaria e História*, de Carlos Roberto Figueiredo Nogueira e *História da Bruxaria*, de Jeffrey Russel e Brooks Alexander, além de contarmos com a análise iconográfica de algumas obras que remetem à figura das bruxas e seu mestre, o Diabo. A partir disso, concluiremos reafirmando a relevância desse trabalho, pois um dos papéis do historiador e da historiadora está na ressignificação do passado, não permitir que os traumas caiam no esquecimento, para que esses não se repitam e, nesse caso específico, para que a misoginia não seja mais, de forma alguma, um instrumento argumentativo que coloque mulheres poderosas em posição de inferioridade.

Palavras-chave: bruxaria; mulher; misoginia; *Malleus Maleficarum*.

ABSTRACT

This paper is dedicated to the analysis of the stereotype of the witch and how this demonized image was built, which caused an intense persecution led by the Catholic Church, which resulted in the death of hundreds of thousands of people in the context of medieval Europe. We will then move on to the main goal of the research, which is to understand the reason why the abundant majority of these victims were women, who were directly related to the crime of witchcraft, due to the supposed inferiority of the feminine in relation to the masculine. We will use as the main source for this research the "manual of the inquisition" written in 1486 by the inquisitors Heinrich Kramer and James Sprenger themselves, the *Malleus Maleficarum*. As methodology, we will make use of literature review, using books that are essential to this theme, such as *Witchcraft and History*, by Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, and *History of Witchcraft*, by Jeffrey Russel and Brooks Alexander, besides relying on the iconographic analysis of some works that refer to the figure of the witches and their master, the Devil. Based on this, we will conclude by reaffirming the relevance of this work, because one of the roles of the historian is in the re-signification of the past, not allowing traumas to fall into oblivion, so that they are not repeated and, in this specific case, so that misogyny is no longer, in any way, an argumentative instrument that puts powerful women in a position of inferiority.

Keywords: witchcraft; women; misogyny; *Malleus Maleficarum*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – O Sabá, de Goya, 1794 | 22 |
| Figura 2 – O beijo obsceno, de Francesco Mario Guazzo, 1608 | 23 |
| Figura 3 – A cabra sabática, de Eliphas Lévi, 1896 | 25 |
| Figura 4 – O Pesadelo, de Henry Fuseli, 1781 | 36 |
| Figura 5 – Bruxa monta para trás em uma cabra, de Albert Dürer, 1500 | 38 |
| Figura 6 – Berkeley Witch, de Michael Wolgemut, 1493 | 38 |
| Figura 7 – Recorte da obra The Witches at the Sabbath, de Hans Baldung, 1510 | 39 |
| Figura 8 – Bruxas fazendo chover, de Ulrich Molitor, 1490 | 41 |
| Figura 9 – O enforcamento das bruxas, de Ralph Gardiner, 1655 | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 BRUXARIA, FEITIÇARIA E MAGIA: PARTICULARIDADES QUE CONSTROEM A NARRATIVA | 15 |
| 2.1 MAGIA: A FONTE PARA O EXERCÍCIO DAS PRÁTICAS MÁGICAS | 15 |
| 2.2 FEITIÇARIA: DE BENEVOLENTE E NECESSÁRIA PARA AMALDIÇOADA E DIABÓLICA | 17 |
| 2.3 BRUXARIA: O MAL SUPERIOR | 19 |
| 2.4 O SABÁ: O DIABO VEM AO ENCONTRO DE SUAS SERVAS | 22 |
| 2.5 O PAPEL DA IGREJA NA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO | 24 |
| 3 A DEMONIZAÇÃO DA MULHER NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL E A ASCENSÃO DESENFREADA DA MISOGINIA | 28 |
| 3.1 CORPO, SEXO E PECADO: JUSTIFICATIVAS FÍSICAS PARA A INFERIORIDADE FEMININA, SEGUNDO O CRISTIANISMO | 29 |
| 3.2 A EXPECTATIVA SOB A FIGURA FEMININA E O PAPEL SOCIAL QUE LHE ERA DESIGNADO | 31 |
| 4 A CAÇA ATINGE SEU APOGEU: O <i>MALLEUS MALEFICARUM</i> E O ESTEREÓTIPO DA BRUXA | 34 |
| 4.1 DAS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A PRÁTICA DE BRUXARIA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA | 36 |
| 4.2 A BRUXA VOADORA: DE VÍTIMA DA MANIPULAÇÃO DO DIABO À PROTAGONISTA DE SUA PRÓPRIA VONTADE | 38 |
| 4.3 A CAUSADORA DOS MALES DO MUNDO | 41 |
| 4.4 “QUEIMEM A BRUXA!”: O JULGAMENTO E A PUNIÇÃO | 44 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| FONTE | 49 |
| REFERÊNCIAS | 49 |

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do historiador, entre muitos outros, é revisitar o passado como forma de evitar o esquecimento, trazer à tona a memória histórica, tão carregada de traumas e lacunas, com o propósito de reescrevê-la de forma mais justa e coerente. Não deixar esquecer, para que não se deixe repetir. Historicamente, a figura feminina se fez presente no mais tardar do século XX, quando surge, de fato, o interesse pela história das mulheres, com o objetivo de estudá-las e exaltá-las. Essas que, anteriormente, não possuíam voz, nem protagonismo na história escrita e determinada pelos homens, surgem como antagonistas durante o medievo, não como indivíduos com relevância histórica ou feitos admiráveis, mas sim como vilãs da humanidade.

A construção negativa da figura da mulher é muito antiga. Relatos bíblicos já retratavam a mulher de forma objetificada e pejorativa, vista como pecadora e detentora de malefícios, como na figura da própria Eva, a primeira mulher, que já inicia a participação feminina na história carregando o fardo de arruinar o mundo com os seus erros e fraca resistência às tentações. O relato do *Gênesis* mostra a criação de Eva a partir da carne de Adão, o que justifica, segundo o cristianismo, a submissão da mulher ao homem. A imagem de Eva, para a igreja, demonstra a perdição do homem e a influência negativa da mulher para a pureza de seu espírito, tornando-se o argumento necessário para disseminar um discurso “antifeminino”.

No entanto, é num período menos longínquo que as mulheres sentiram na pele a crueldade da misoginia e de uma coletividade irracional. O período da idade média, conhecido também como idade das trevas por conta da “falta de iluminação” em um sentido racional e até mesmo de condições de existência, carrega em si diversas feridas abertas que assolaram a humanidade em vários aspectos. Dentre esses acontecimentos marcantes, um dos que mais se destacam é a perseguição às mulheres consideradas bruxas, uma caça desumana arquitetada cuidadosamente pela igreja católica, utilizada como base e justificativa para a misoginia enraizada na sociedade da época.

Ao questionarmos, atualmente, o que é uma bruxa, algumas características veem a mente. É comum relacionarmos a imagem das bruxas a “velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 11). Esse estereótipo, no entanto, é apenas uma convenção passada adiante para relacionar essas mulheres a algo profano, maligno e que se deve tomar cuidado, e existe apenas no imaginário. A bruxaria, com toda sua complexidade, existe antes mesmo dessas noções escandalosas serem divulgadas entre a sociedade e provocar um tumulto de terror e incerteza quanto à imagem das bruxas, a

ponto de fazer com que esses indivíduos alienados se fizessem presentes em praças públicas desejando fervorosamente que uma mulher, como todas as outras daquela praça, fosse queimada viva.

Bruxas e mulheres compartilham de algo que era e, de certa forma, ainda é inconcebível em uma sociedade fixada em uma mentalidade patriarcal: a consciência do papel feminino, sua relevância, sua exclusividade em feitos cotidianos, o poder e a força que as habitam. Ao contrário do que se tem como verdade, não foram bruxas que queimaram. Foram mulheres, mulheres com uma beleza estonteante, bonitas demais para serem verdade, ou, simplesmente, com os cabelos ruivos ou alguma marca de nascença; mulheres que eram muito bem articuladas, inteligentes, com conhecimento suficiente para fazer um homem de seu tempo se sentir ameaçado; mulheres com forte conexão com a natureza, com o universo e com tudo à sua volta, com habilidades ligadas à fitoterapia, como utilizar ervas, plantas e flores no tratamento de enfermidades; mulheres que cantavam e dançavam; mulheres fortes e livres. É essa força e liberdade que veio a desafiar os limites da moral impostos desde períodos pré-históricos sob a figura feminina.

De acordo com a explicação de Joseph Campbell: “Não resta dúvida de que nas épocas mais remotas da história do homem a força mágica e misteriosa da fêmea era tão maravilhosa quanto o próprio universo; e isto atribuiu à mulher um poder prodigioso, poder este que tem sido uma das maiores preocupações da parte masculina da população — como quebra-lo, controlá-lo e usá-lo para seus próprios fins.” (apud CIVITA, 1997, p. 11)

A presente pesquisa ganha relevância ao desvendar o estereótipo negativo disseminado pelo catolicismo relacionado às práticas de magia, feitiçaria e bruxaria, através de uma análise conceitual e histórica dessas diferentes temáticas, facilmente confundidas, e que se relevam essenciais para a compreensão do desconhecido e temido. Os reflexos do período inquisitório, por serem tidos como um passado longínquo, se fazem presente na sociedade atual. O que antes era uma perseguição violenta e cruel, acusando mulheres de práticas profanas ligadas ao Diabo, reescreve-se atualmente como misoginia, feminicídio, violências físicas e verbais, desvalorização e desrespeito às mulheres. As fogueiras de outrora passaram a ser menos literais, mas não menos ardentes e cruéis. A partir disso, a importância dessa pesquisa se dá ao buscar em um período longínquo a raiz de um problema que até hoje está intrínseco, com o objetivo de encontrar soluções ou, ao menos, dar a devida importância às mulheres que queimaram, não deixando sua memória e sua história serem apagadas.

Para a realização dessa pesquisa, será utilizada a revisão bibliográfica de autores e autoras que buscam analisar a história da bruxaria e da feitiçaria com todas as suas complexidades e ramificações. Além disso, com o objetivo de tornar ainda mais claro alguns estereótipos que

serão definidos ao longo do trabalho, serão utilizadas representações iconográficas, pois as imagens podem ser fontes documentais riquíssimas. Algumas obras essenciais, como *Bruxaria e História*, de Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, *História da Bruxaria*, de Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander, e *História da Feitiçaria*, também de Jeffrey B. Russel, serão auxiliares no entendimento de conceitos imprescindíveis para a análise dessas temáticas. Para compreender, além disso, as relações de poder estabelecidas no medievo, que fizeram com que homens obtivessem o poder de decidir o destino das mulheres, algo que ainda se faz presente atualmente, será utilizado como norteador a obra *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault. No entanto, a fonte principal da pesquisa será a obra escrita originalmente em 1486, pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, denominada *Malleus Maleficarum*.

Nas palavras de Sallmann, “esse manual era destinado aos inquisidores, mas diferia dos outros que o precederam pelo fato de ser consagrado exclusivamente à perseguição do delito da bruxaria” (SALLMANN, 2002, p. 32). O *Malleus Maleficarum*, de uma forma simplificada e resumida, tratava-se de um manual inquisitório, com métodos didáticos de identificação de uma bruxa, como afastá-la e, principalmente, como destruí-la. *O Martelo das Feiticeiras* tornou-se o principal roteiro e norteador da grande “caça às bruxas”, e em todas as suas páginas surgem justificativas extremistas para tal atrocidade, desde o domínio de Satã sob o corpo da mulher, que as utilizava como receptáculos de seu poder, até ofensas mundanas e, claramente, carregadas de uma misoginia desenfreada, descrevendo a mulher como uma figura fraca e débil por natureza e, portanto, mais suscetível às influências do Diabo.

Com o objetivo de tornar o trabalho claro e didático, o mesmo será dividido em três capítulos. Num primeiro momento, conceitos essenciais para a análise histórica proposta na pesquisa serão a base do desenvolvimento. São esses conceitos: bruxaria, feitiçaria e magia. Nesse capítulo buscaremos analisar as transformações que esses termos sofreram ao longo do tempo e como as instituições que consideravam a si mesmas mensageiras de Deus foram cruciais para a maneira com que essas mudanças desenrolaram. O segundo capítulo irá tratar da evolução das representações misóginas da mulher ao longo da Baixa Idade Média e a demonização da figura feminina a partir do imaginário católico, respondendo questões importantes que nos auxiliam na compreensão do que causou, afinal, a perseguição às mulheres em sua grande maioria e porquê a mulher era colocada em posição de subalternidade em relação ao sexo masculino. Finalmente, no terceiro e último capítulo, será feita uma síntese dos principais pontos estabelecidos no *Malleus Maleficarum*, utilizados para justificar a Caça às Bruxas. Nesse capítulo, o estereótipo da bruxa será detalhadamente explicado, desde sua construção até as principais características que definem uma feiticeira.

2 BRUXARIA, FEITIÇARIA E MAGIA: PARTICULARIDADES QUE CONSTROEM A NARRATIVA

Entre todas as características e estereótipos equivocados que permeiam a imagem de uma bruxa, partimos em busca de uma definição que responda à pergunta que embasa esta pesquisa: o que é, afinal, bruxaria? Todas as definições desse conceito foram reproduzidas ao longo dos anos e disseminadas através de contos, canções e pinturas. Desde as representações imagéticas que encontramos nas pinturas de Goya, ou na icônica personagem da obra *Macbeth* de Shakespeare, até recentes aparições no cinema contemporâneo, em filmes como *The Witch* (2015), a imagem da bruxa sofre mudanças e distorções de acordo com quem a descreve. A bruxaria, no entanto, é muito mais antiga que essas representações iconográficas e, também, muito mais complexa. Como afirma Nogueira, a bruxaria “assume junto ao imaginário de uma coletividade uma situação passiva, pois a opinião pública é mais importante na comprovação de sua existência que a ideia que faz de si mesma a sua protagonista no mundo mágico, a bruxa.” (NOGUEIRA, 2004, p. 50)

2.1 MAGIA: A FONTE PARA O EXERCÍCIO DAS PRÁTICAS MÁGICAS

Os conceitos de feitiçaria e magia são antecessores da imagem da bruxa propriamente dita. A bruxaria aparece posteriormente como um efeito das práticas mágicas. A diferença entre os conceitos é, de fato, uma linha tênue. Porém, essas discretas particularidades são essenciais no entendimento do processo histórico. Esses conceitos não estão apenas designados a um único tempo e espaço, pois “a feitiçaria ocorre em quase todas as sociedades do mundo. É também o mais antigo e o mais profundo elemento no conceito histórico da bruxaria europeia” (RUSSEL, 1993, p. 3).

A magia, praticada por homens e mulheres, constantemente aparece definida como uma arte primitiva, não religiosa, atribuída ao objetivo de causar fenômenos que não são naturais. Essa definição, no entanto, é limitadora do conceito de magia, que vai muito além de mera ação e reação. Por não ser submetida a investigações empíricas, a magia não possui validação, sendo considerada, portanto, uma falsa ciência. Num catolicismo mais radical, como é o caso do *Dicionário Infernal* de Collin de Plancy, citado por Nogueira, a magia é definida como a “arte de produzir na natureza efeitos superiores ao poder dos homens, com a ajuda dos demônios, empregando certas cerimônias” (apud NOGUEIRA, 2004, p. 18-19), o que nos mostra que o

conceito de magia é difuso e relativo de acordo com o sujeito que a define, podendo ser facilmente influenciado por radicalismos religiosos que nublam a racionalidade. Por outro lado, as práticas mágicas são comumente posicionadas no mesmo patamar da religião por muitos autores, concebendo-as como coexistentes e, até mesmo, complementares, uma vez que consideram “a magia como uma atividade profana [...] em oposição à prática social e benfeitora: a religião” (NOGUEIRA, 2004, p. 20), ou seja, ambas se complementam em suas próprias diferenças.

A magia na mentalidade ocidental, especificamente no contexto da Europa moderna, é ressignificada, pois não se trata de religião, nem de uma falsa ciência. O termo magia passa a ser utilizado para definir a relação com o sobrenatural, e representa a intrínseca conexão entre todos os elementos do cosmos. “Dentro desse mundo, a magia [...] se relaciona com a ideia de força particular atribuída a determinadas pessoas que inclusive podiam atuar sobre os deuses e patrocinadas por algumas divindades” (NOGUEIRA, 2004, p. 26-27). Essencialmente, a partir dessa perspectiva, a magia ganha um aspecto que foge do natural e do previsível, começa a gerar estranhamento e passa a ser questionada. O estranhamento, por sua vez, tem como consequência a desestabilização da ordem, tornando a magia com fins maléficos algo condenável, uma vez que as calamidades passaram a serem relacionadas aos desconhecidos atos mágicos.

“Assim sendo, a magia estar ligada a uma concepção dramática da natureza, onde o mago não atua por fenômenos sobrenaturais, mas sim intervém na ordem natural – por conseguinte divina – que existe para um mental específico, transformando o caos existente, e incompreensível para os membros da coletividade que não o mago, em um cosmos inteligível e manipulável pelo conhecimento de segredos e práticas ocultas.” (NOGUEIRA, 2004, p. 39)

2.2 FEITIÇARIA: DE BENEVOLENTE E NECESSÁRIA PARA AMALDIÇOADA E DIABÓLICA

A ideia que permeia todas as formas de magia é a de que o universo está interligado e existe como um todo, portanto, “existem ligações ocultas entre todos os fenômenos naturais” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 25). Logo, o papel do feiticeiro ou da feiticeira, praticantes da magia, é buscar, através de seu poder, atingir seus resultados a partir da influência ou controle desses fenômenos. A feitiçaria, em sua essência, existe de maneira mais simples, consistindo em ações palpáveis com o objetivo de produzir uma reação, seja através de amuletos colocados embaixo de uma cama para causar impotência, praticar relações sexuais em um campo para que a terra fique mais fértil e a colheita seja abundante ou espetar alfinetes em bonecos de pano para

causar dor. A feitiçaria em seu âmbito mais complexo, no entanto, conta com o auxílio de forças externas; é ritualística e invocatória. Nesse momento, no entanto, a imagem dos feiticeiros não era necessariamente ligada a práticas satânicas e heréticas, inclusive sendo frequentemente reconhecida como parte cultural de determinadas comunidades.

“Com frequência, a feitiçaria tem uma função integral na sociedade. Em algumas sociedades, está intimamente relacionada com a religião. Um sacerdote ou sacerdotisa numa religião pública pode realizar atos rituais para produzir chuva, amadurecer a seara, obter a paz ou assegurar o êxito na caça ou a vitória na guerra. Na medida em que esses atos forem públicos e realizados com intuito social, a feitiçaria pode ser uma dama de companhia da religião. Mas quando os atos do feiticeiro são realizados privadamente em benefício não da sociedade, mas de indivíduos, são considerados antissociais e não formam parte da religião.” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 27-28)

Convencionou-se, portanto, a perspectiva de que a feitiçaria estaria relacionada à magia natural, não demoníaca, cujo poder gira em torno da natureza e do universo. Os conhecimentos da feiticeira, nesse ponto de vista, são utilizados na sociedade de forma positiva, auxiliando os indivíduos. “Apesar das condenações, os homens da Idade Média necessitam da presença da feiticeira como terapeuta de seus males físicos e sociais.” (NOGUEIRA, 2004, p. 44)

Quando a feitiçaria ganha força no contexto da Europa Ocidental, as práticas mágicas tornam-se majoritariamente relacionadas ao feminino. A feiticeira passa a estar essencialmente ligada ao erotismo e às paixões, às magias carnavais vinculadas ao desejo. Uma outra função designada a ela é a sua intervenção através de venenos e poções, função esta que constrói o estereótipo de uma mulher enfurnada em um pequeno porão misturando diferentes ingredientes com a finalidade de obter uma mistura mágica e, posteriormente, dará lugar a imagem da bruxa maléfica que joga os mais bizarros elementos em seu grande caldeirão. Embora, nesse momento, a misoginia ainda não estivesse em seu auge, os argumentos utilizados para essa associação de mulher-feiticeira são baseados na fraqueza das mulheres e na predileção das entidades diabólicas por seu corpo. Como explica Clark,

“Primeiro, supunha-se, como princípio geral, que as mulheres eram, por natureza, mais fracas que os homens com respeito a qualidades intelectuais e psicológicas fundamentais e, portanto, tinham o que o autor chamou de “maior facilidade para a queda”. Segundo o *Malleus maleficarum* elas não poderiam aprender adequadamente assuntos espirituais e eram crédulas e impressionáveis em suas crenças. Ao mesmo tempo, suas “paixões e afeições descontroladas” deixavam-nas ressentidas com a autoridade e difíceis de disciplinar, de forma que eram uma ameaça potencial permanente à ordem de Deus. A chave para sua perversidade residia, sobretudo, em seus apetites carnavais, que eram muito maiores que os dos homens. As mulheres eram, pois, mentalmente fracas e de comportamento instável, criaturas imperfeitas por natureza, de quem só se poderia esperar o mal e a depravação.” (CLARK, 2006, p. 163)

Todas as características reprováveis do ser humano, que não correspondiam com o desejável pela elite clerical dominante da época, foram, nesse momento, relacionadas à mulher.

Muitos atributos, tais como sedutora, frágil, rancorosa, entre outros, começam a fazer parte de um enredo que justificava a relação entre a mulher e o Diabo. A imagem da bruxa-feiticeira, portanto, passa a ser moldada a partir dessas características. O diabólico torna-se perceptível nas mais diversas anomalias ou pequenos traços de personalidade que fugiam do esperado para uma mulher, que, segundo os parâmetros religiosos, deveria ser silenciosa, domesticada e pura. A bruxa estava “naquelas que fogem aos padrões de juventude e beleza, como as velhas, mendigas, doentes, as obstinadas e dominadoras, as que usurpavam o controle masculino, as que se comportavam como homens, as que buscavam superioridade sexual, as prostitutas ou qualquer mulher às margens da sociedade” (CLARK, 2006, p. 184-185). A feiticeira, antes benevolente e necessária, torna-se inimiga e alvo de um extremo ódio coletivo.

2.3 BRUXARIA: O MAL SUPERIOR

A Europa do século XV foi o palco das primeiras interpretações da bruxaria como um crime que deveria ser fervorosamente combatido. A obra *Malleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras)*, escrito em 1487 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, legitima a existência das feiticeiras nefastas e torna-se a maior referência na construção do estereótipo da bruxa, sendo uma espécie de bíblia da demonologia. A partir da publicação do *Malleus*, a figura da bruxa ficou indissociável do feminino, pois as páginas desse manual inquisitório são tão carregadas de misoginia, que possuem um capítulo inteiro dedicado a explicar o porquê de as mulheres serem mais suscetíveis a se entregarem à tentação diabólica. Os autores afirmam enfaticamente que “enganam-se, portanto, os que afirmam não existirem coisas como bruxaria ou feitiçaria, ou os que professam que tais coisas são imaginárias” e ainda completam com a explicação de que

“alguns anjos foram lançados dos Céus e hoje são Demônios. [...] Dada a própria natureza desses anjos diabólicos, são eles capazes de realizar muitos prodígios de que nós não somos. E as pessoas que tentam induzir outras a realizarem tais prodígios perversos são chamadas de bruxas.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 57)

Nesse contexto, inicia-se uma insana caça às bruxas, tendo o *Malleus* como seu principal manual de identificação do mal. A palavra bruxaria era relacionada, no senso comum da época, ao profano, ao sobrenatural e ao oculto. Portanto, era disseminado no imaginário da sociedade a imagem da mulher funesta, impura, marcada pelo Diabo e serva de suas vontades, com o propósito de instaurar o medo e, conseqüentemente, a raiva. Bethencourt afirma que

“O conhecimento do oculto, na perspectiva da elite religiosa, só pode provir de três fontes: do estudo e do saber humano (limitado à cultura escrita); da revelação divina (reservada aos santos, beatos, homens piedosos tocados pela Graça); da intervenção

diabólica (à exceção da profecia e da visão de origem divina, toda a adivinhação é uma arte demoníaca).” (BETHENCOURT, 2004, p. 173)

O paradoxo, no entanto, encontra-se no fato de que essas mesmas mulheres – temidas, odiadas, frutos supostamente da intervenção diabólica –, eram frequentemente procuradas para realizarem feitos não aprovados pela igreja, dominadora e implacável, mas que solucionavam problemáticas reais do cotidiano das pessoas. As mulheres de que tratamos aqui, possuíam grande conhecimento sobre ervas e plantas, conheciam a capacidade da natureza de curar – ou até mesmo causar – doenças, sabiam provocar um aborto sem deixar rastros que comprometessem os envolvidos, sabiam como provocar uma forte dor apenas com um chá específico, ou como aliviar essa dor. Se considerarmos uma sociedade que demandava soluções rápidas, práticas e sigilosas, a existência dessas mulheres era muito conveniente. Ao mesmo tempo, porém, a constituição de suas subjetividades representava um risco de confronto.

Nesse sentido, podemos abordar o pensamento foucaultiano no que diz respeito às relações de poder exercida sobre os corpos. Esse binarismo enraizado entre feminino e masculino, coloca o homem em uma posição de dominação e superioridade em relação à mulher, submissa e frágil, coadjuvante ao poder masculino. A mulher, no entanto, sendo ela bruxa ou não, resiste à essa ideia, não buscando inverter esses supostos papéis, mas tentando libertar-se dessa estrutura de poder definida por uma sociedade patriarcal. Para Foucault, “o poder é sutil e ambíguo, pois em seu exercício cada indivíduo, independentemente de sua posição na estrutura social, é titular de um certo poder” (FOUCAULT, 1979, p. 183). Podemos vislumbrar o rosto da bruxa no exercício desse poder através da resistência, pois trata-se de uma mulher consciente dessas relações e, conseqüentemente, de sua própria força. Essa consciência é capaz de gerar impactos e desestabilizar a ordem estabelecida pelos dominantes nessa relação e é por esse motivo que devem ser caçadas, como bruxas ou, simplesmente, como mulheres.

Analisar a bruxaria pelo viés das relações de poder entre feminino e masculino, no entanto, é apenas uma das maneiras de a considerarmos. Mais do que uma mulher empoderada e consciente de si e de seu valor, a bruxa, para a igreja e no imaginário cristão, é, de fato, serva do Diabo, uma marionete terrena, que vive unicamente para desvirtuar bons indivíduos e contradizer moralidades. De acordo com o *Malleus*, o efeito da bruxaria “não poderia ser realizado sem que se recorresse aos poderes do Diabo: é necessário, para tal, que se faça um pacto com ele, pelo qual a bruxa, de fato e verdadeiramente, se torna sua serva e a ele se devota” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 63). Para compreendermos essas acusações, devemos voltar para o contexto da Europa do século XV.

Estamos diante de uma sociedade dominada pelo medo, cujo cotidiano consistia em lutar pela sobrevivência, combatendo a fome ou as inúmeras doenças que misteriosamente

assolavam vilas inteiras. A emergência de uma resposta, uma causa ou explicação para essas animosidades surgia na mente das pessoas de forma tão desesperada, que as fazia abandonar a razão e acreditar em qualquer justificativa que parecesse conveniente. Buscavam alguém para culpar, alguém para punir. A igreja católica, como detentora de toda a verdade, amparada por Deus, passou a culpar seus inimigos, qualquer pessoa ou ideologia que ameaçasse sua hegemonia. O temor e o ódio às bruxas passam a existir de forma extremista a partir desse momento em que o caos foi relacionado a explicações demonológicas e, logo, às representantes do Diabo na terra. A justificativa das bruxas causadoras de catástrofes foi tão convincente – e conveniente para o catolicismo – que foi proliferada de forma midiática através da publicação de manuais de como identificar e se defender desses seres malignos, sendo o mais famoso deles o *Malleus Maleficarum*, um verdadeiro passo a passo da caça às bruxas.

Uma vez imposta a opinião de um grupo dominante, é questão de tempo até que essa mesma opinião seja considerada e seguida como uma verdade absoluta. Uma sociedade frágil e desesperada é facilmente influenciada por discursos fervorosos que justifiquem sua condição e prometam melhorias. Por esse motivo, a caça às bruxas, por mais que tenha sido de extrema barbárie, foi apoiada e incentivada pelas pessoas. Considerando o pensamento de Jacques Le Goff, o imaginário não pode ser tido como algo estático, que apenas existe, mas sim como algo que é socialmente construído. No caso dos processos inquisitoriais, isso fica visível pois o imaginário vigente em relação à bruxaria não apenas demonstra a necessidade de buscar uma compreensão para o sobrenatural, mas também enfatiza a insatisfação com a própria realidade e o sistema em que esses indivíduos estavam inseridos. As pessoas “precisavam apenas de mais um pretexto para dar vazão a seus instintos e atacar a fonte de inquietude que a bruxa representava” (CIVITA, 1997, p. 30).

Surgem os tribunais eclesiásticos na linha de frente no combate ao mal que se fazia presente, de forma conveniente para a igreja que encontrou em meio ao caos a possibilidade de punir aqueles considerados hereges. A dualidade empregada na fé católica entre bem e mal, céu e inferno, luz e trevas, colocou hereges e bruxas em um mesmo patamar e os destinou ao mesmo julgamento e punição. “Quer as acusações fossem válidas ou não, as ideias essenciais da bruxaria histórica estavam agora reunidas pela primeira vez num julgamento por heresia” (RUSSEL, 1993, p. 45). Com o objetivo de coletar denúncias e informações sobre o paradeiro das servas de Satã para que possam ser submetidas à tortura até confessarem seus malefícios, as instruções dadas pelos juízes de como identificar uma bruxa eram radicais, de modo que detalhes extremamente minuciosos já eram suficientes para encontrar um acusado, sendo algumas acusações, muitas vezes, inventadas com o objetivo de demonstrar a eficiência e a

agilidade dos tribunais na perseguição ao mal, “porque bruxaria é alta traição contra a Majestade de Deus. E assim os acusados devem ser torturados para que confessem o seu crime.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 61)

A inquisição ganhou uma notoriedade gigantesca e seus líderes começam a ser vistos como heróis, uma imagem de acalento e tranquilidade para uma sociedade baseada na catástrofe. No senso comum a bruxaria se torna cada vez mais maléfica, vista como um ritual macabro com o único objetivo de homenagear o Diabo e profanar qualquer elemento cristão.

“Desse modo, o caráter essencial da bruxaria não é o dano que ela causa às outras pessoas, mas o seu caráter herético, o culto ao Demônio, que a transforma no maior dos pecados, pois, renunciando a Deus e adorando ao Diabo, ameaça toda a cristandade que se vê ameaçada da impossibilidade de conclusão da obra do Redentor e tenta purificar-se, purgando os pecadores através do fogo. Tendo lesado ou não a outras pessoas, a bruxa merece morrer, por sua traição para com Deus” (NOGUEIRA, 2004, p. 62)

2.4 O SABÁ: O DIABO VEM AO ENCONTRO DE SUAS SERVAS

As denúncias se tornam tendenciosas e surreais e, nesse momento, não temos como dizer se o temor e o ódio das pessoas eram tão grandes a ponto de causarem alucinações ou se a maldade dos inquisidores as influenciou de tal forma que passaram a inventar relatos para causar comoção. Ali surge a imagem da bruxa voadora, que devora crianças e extermina as criações de animais, a bruxa que não é mais um indivíduo, mas sim um coletivo perigoso e demoníaco: o *Sabá*.

A imagem do Sabá representa verdadeiros cultos de bruxas e difunde de forma ainda mais extrema o estereótipo maligno que já estava vigente. A bruxa não é mais um ser único a ser combatido, mas sim uma seita adoradora do Diabo, que através de reuniões noturnas pratica as mais diversas atrocidades em seu nome. O Sabá, da maneira como foi cultuado no imaginário, era o pacto com o demônio em sua forma mais grotesca e, por esse motivo, todas as atenções dos tribunais e dos inquisidores se voltaram para a perseguição a esses cultos. Os relatos que chegavam aos tribunais em relação ao Sabá, segundo Carlo Ginzburg, eram chocantes e demonstravam até mesmo um certo delírio, como se os delatores propositalmente quisessem incitar o terror. Muitas vezes, esses relatos partiam dos próprios acusados, na tentativa de se livrarem das incansáveis torturas que sofriam até que divulgassem alguma informação. Ginzburg introduz sua obra *História Noturna* com um desses relatos, contando que

“Bruxas e feiticeiros reuniam-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de ter untado o corpo com unguentos, montando bastões ou cabos de vassoura; em outras ocasiões apareciam em garupas de animais ou então transformados eles próprios em bichos. Os que vinham pela primeira vez deviam renunciar à fé cristã, profanar os sacramentos e render

homenagem ao diabo, presente sob a forma humana (ou mais frequentemente) como animal ou semi-animal. Seguiam-se banquetes danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiros recebiam unguentos maléficos, produzidos com gordura de criança e outros ingredientes.” (GINZBURG, 1991, p. 9)

Novas teorias e discussões são estabelecidas quanto ao culto satânico das bruxas e sua forma de operar seus malefícios. As reuniões noturnas que contavam com a presença do próprio Diabo demonstravam que o inimigo agora estava organizado e em conjunto, e sua perversão se intensificava cada vez mais. “Portanto, era o estereótipo do Sabá o que sugeria aos juízes a possibilidade de arrancar dos imputados, por meio de pressões físicas e psicológicas, denúncias em série, as quais, por sua vez, desencadeavam verdadeiras ondas de caça às bruxas” (GINZBURG, 1991, p. 10).

Figura 1 – O Sabá



Fonte: Goya, 1794.

O Sabá relaciona ainda mais a imagem da bruxa com o sexo feminino, pois, entre as diversas perversidades que, supostamente, ocorriam nessas reuniões noturnas, uma delas era o intercuro sexual com o próprio Satã, que tirava proveito da fragilidade do corpo e da vontade feminina, usando-as como receptáculos de seus atos nefastos. Na obra de Goya (figura 1), podemos observar a representação de Satã como uma cabra, cercado unicamente por mulheres,

que se jogam a seus pés e lhe entregam seus próprios filhos como símbolo de extrema devoção, pois, entre as denúncias que beiravam alucinações a respeito do Sabá, era muito comum haver relatos a respeito de infanticídio. Acreditava-se que as bruxas novatas que se faziam presentes nas reuniões noturnas pela primeira vez deveriam provar sua real intenção de servir ao Diabo assassinando uma criança e levando seu corpo no próximo encontro. Há um relato sobre essa perversidade no *Malleus*: “um homem que, vendo ter desaparecido seu filho do berço, saiu a procurá-lo. Acabou por encontrá-lo num congresso de mulheres durante a noite, no qual, segundo declarou em juramento, as viu matarem-no, para depois beberem-lhe o sangue e devorarem-no” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 163). Além dessa horrenda prova de sua lealdade, outras ações eram necessárias: “renuncia oralmente à fé cristã e sela a sua apostasia calcando aos pés um crucifixo ou excretando sobre uma hóstia consagrada. Em seguida, ela adora o mestre masculino do culto, o Diabo ou seu representante, oferecendo-lhe o beijo obsceno nas nádegas” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 51). O *osculum infame* (figura 2), ou o beijo obsceno, era uma saudação ritual e comumente citado nos relatos do Sabá.

Figura 2 – O beijo obsceno



Fonte: Francesco Mario Guazzo, 1608.

2.5 O PAPEL DA IGREJA NA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO

Seria correto indagarmos, então, se o estereótipo extremamente negativo da bruxa-feiticeira surgiu como um pretexto consequente de uma disputa de poder vigente, disputa essa em que um dos lados almejava obter a hegemonia do poder e da razão, enquanto o outro tentava preservar sua liberdade de ser e estar. Além disso, também havia o embate entre o sobrenatural

e a igreja soberana, sendo os protagonistas desse confronto o homem, como representante de Deus e da benevolência, e a mulher, como a parte pactuada com o Diabo, ligada ao mal e o oculto. A imagem da bruxa aparece, portanto, como forma de transgressão dos papéis sociais. A mulher que antes tinha o papel de preparar o alimento que sustentava sua família, passa a preparar venenos e poções com ingredientes repulsivos. Essa mesma mulher, que antes era responsável por gerar a vida, realizava então abortos na calada da noite e usa pequenos bebês para seus rituais nefastos. A desordem era o que formava uma bruxa, a fuga do padrão do que se esperava de uma mulher perfeita e pura, uma mulher cristã.

Decorrente desses discursos, há uma separação entre aquilo que é considerado de domínio da magia, relacionado ao Diabo, e aquilo que era cristão, vinculado a Deus. É importante lembrarmos que, antes mesmo desse momento da história em que emerge a bruxaria como algo a ser fervorosamente combatido, o imaginário das pessoas já era facilmente manipulável pela supremacia do catolicismo. A igreja, através de seus discursos e do próprio medo, fazia com que suas ideias fossem hegemônicas e incontestáveis. Responsáveis por disseminar a palavra cristã, os padres provocavam, através de seus sermões, o horror coletivo ao fogo do inferno e da eterna tortura, que seriam a consequência de qualquer heresia ou contrariedade. A terrível ideia da pós-morte era mais efetiva no controle do imaginário dos fieis cristãos do que qualquer outro argumento. Nogueira deixa muito clara a influência da igreja nesse aspecto, ao dizer que

“no afã de garantir a hegemonia das crenças, a Igreja necessita detectar, divulgar e exorcizar o Mal, garantindo assim, o domínio da consciência coletiva. Aqui, chocam-se duas tendências: uma religiosidade que é vivida pela coletividade e entremeada de crenças tradicionais e a tarefa da ortodoxia de ganhar o poder sobre as consciências, e levar a coletividade a aproximar-se e sujeitar-se ao discurso eclesialístico.” (NOGUEIRA, 2002, p. 12)

O cristianismo difundiu, na tentativa de incitar os mais temíveis sentimentos entre seus seguidores, a imagem de um inimigo nefasto, como forma de direcionar o medo e a repulsa à uma figura específica. Era estabelecida na sociedade uma pedagogia do medo, que manipulava a mente dos indivíduos e direcionava suas ações, reafirmando a igreja como o único meio de proteção e salvação contra o Mal. O Diabo aparece no imaginário cristão como uma personificação do mal, a representar a oposição de tudo que é considerado sagrado aos olhos da igreja, o que resulta na emergência do reconhecimento desse inimigo, bem como de suas formas e de seu *modus operandi*. “Satã torna-se o Grande Destruidor, o arquiinimigo, dotado de numerosos e apavorantes poderes frente aos quais o homem está totalmente indefeso, a não ser pelos avisos de Deus e a constante ajuda dos ministros da igreja” (NOGUEIRA, 2002, p. 56).

A partir do medo que foi estabelecido na mente dos cristãos, se estabelece a imagem do inimigo, para que esse pudesse ser reconhecido e sua presença notada. O Diabo passou a representado como uma mistura de diversos elementos pagãos, com vários aspectos horripilantes, cujo objetivo era, realmente, provocar ainda mais o medo. A visão do Diabo como um ser dotado de elementos assustadores era parte do instrumento de manipulação do imaginário e, por isso, deveria ganhar uma face que correspondesse com esse objetivo da igreja. A iconografia que se segue a partir disso representa o Diabo como um ser híbrido entre humano e animal, geralmente o bode, e algumas vezes traz consigo algumas características andrógenas, contrastando o masculino e o feminino. Uma das representações que mais remete a essas descrições é a de Baphomet (figura 3). Convencionou-se, portanto, que o inimigo aparecia dessa forma, semi-animal, com chifres, garras ou cascos, geralmente na figura de um bode.

Figura 3 – A cabra sabática



Fonte: Eliphas Lévi, 1896.

Assim como foi imposta a figura do Diabo como um ser pervertido, dotado de características horrendas, seguiu-se a disseminação da imagem de suas adoradoras. Porém, ao contrário do estereótipo que se tomou como verdade posteriormente, as acusadas de bruxaria eram mulheres comuns. Muitas vezes, a mulher levada ao tribunal como uma possível bruxa, tinha como acusação o fato de ser bonita demais e, conseqüentemente, provocar a mente dos homens através da tentação, algo considerado de cunho extremamente diabólico. A mulher

capaz de curar uma doença através de ervas medicinais, doença essa muitas vezes confundida com possessão demoníaca, também era acusada de transgredir os meios cristão de cura e, assim, zombar de Deus. Uma mancha de nascença era suficiente para justificar que uma mulher fosse marcada pelo diabo e por esse motivo deveria ir a julgamento. Uma vez acusada, era praticamente impossível ser considerada inocente, porquanto os juízes eram implacáveis em seus discursos e de uma capacidade de manipulação gigantesca. Essas mulheres estavam, portanto, unidas ao mesmo destino cruel: a fogueira. Segundo o que é afirmado no *Malleus*, “antigamente esses criminosos sofriam dupla punição e eram muitas vezes atirados às feras para serem devorados. Hoje, são queimados vivos na fogueira, provavelmente porque na sua maioria são mulheres”. (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 61)

Caçadas, torturadas e queimadas como bruxas, essas mulheres foram vítimas da ascensão do pensamento misógino ao longo da Baixa Idade Média. Obras como o *Malleus Maleficarum*, cujas páginas todas são carregadas de discursos de extremo ódio mascarados de preocupação com o bem estar e integridade dos fiéis cristãos, servem como um pretexto que busca justificar essa misoginia descarada. Desde a fisiologia feminina até o seu papel social era argumento para colocar a mulher como inferior à figura do homem dominante e evidenciar os motivos pelos quais eram as mulheres as prediletas do Diabo.

3 A DEMONIZAÇÃO DA MULHER NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL E A ASCENSÃO DESENFREADA DA MISOGINIA

A figura feminina já era atribuída ao negativo desde muito antes das acusações de bruxaria. Durante a história, são incontáveis momentos em que a mulher é colocada como o motivo do caos, a mensageira do mal, a causadora de infortúnios. A culpabilização do feminino em relação ao mal do mundo, é datada desde um dos primeiros e principais mitos do cristianismo, que relata a sedução do diabo sob a primeira mulher criada, Eva, cuja fraqueza permitiu que o profano se propagasse pela criação divina e condenou toda a humanidade a uma vida perene de dor. Além disso, Eva também é acusada de inserir Adão, o primeiro homem, ao pecado. Por isso, a mulher passa a ser vista como um ser maligno, capaz de desvirtuar a mente de homens fortes e de disseminar o mal, dando o primeiro passo para a associação misógina entre a mulher e o Diabo. Como afirma Mario Pilosu,

“O *motif* da tentação da carne personificada por uma representante do sexo feminino aparece desde as primeiras páginas do Genesis e constituirá o próprio núcleo da religião mosaica, de maneira que o *topos* da mulher enquanto instrumento diabólico será uma componente sempre presente na religião judaica e, depois, na cristã.” (PILOSU, 1995, p. 29)

Após Eva, outras mulheres aparecem no Antigo Testamento como ardilosas e culpadas do desvio masculino. Retratadas como prostitutas, adúlteras e até mesmo como feiticeiras, a inferioridade feminina em relação ao homem é escancarada. Considerando, portanto, essas representações misóginas contidas nas páginas do mais importante instrumento para os cristãos, é previsível que se constitua como verdade absoluta na cultura ocidental que a mulher possui papel secundário, subordinado ao seu pai, marido e até mesmo ao seu pai, ou a qualquer outro homem a que a comparemos. Os autores do *Malleus Maleficarum* justificam essa posição de inferioridade feminina ao explicarem a predileção do Diabo às mulheres, e podemos notar, em muitas das características condenáveis citadas por eles, como remetem às ações de Eva:

“que há de ser uma mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores! [...] As mulheres são, por natureza, mais impressionáveis [...] As mulheres intelectualmente são como crianças [...] Portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la [...] As mulheres possuem também memória fraca; e nelas a indisciplina é um vício natural: limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 122-126)

A influência do *Malleus* na disseminação da misoginia durante a Baixa Idade Média – e posteriormente também - é alusiva aos discursos pregados pelo cristianismo, principalmente,

por seus escritores considerarem a si mesmos como representantes da justiça divina na Terra, e seus atos, segundo eles mesmos, davam-se em nome de Deus. Contudo, o próprio Antigo Testamento bíblico é o que pode ser considerado, de fato, um dos principais propagadores do pensamento misógino, pois é em suas páginas que encontramos as primeiras representações das mulheres como nefastas, sempre inclinadas ao pecado.

Não devemos, porém, cometer o ledó engano de associar a ascensão da misoginia apenas ao cristianismo. Na mitologia grega, por exemplo, a figura de Pandora é muito similar à Eva, pois também se trata da primeira mulher da criação, trazida ao mundo por Zeus como forma de vingança contra todos os homens. Por ordem de seu criador, ao ser feita, Pandora recebeu todos os dons dos deuses, sendo ideal para os planos de Zeus de causar o caos na Terra. Ela traz consigo uma caixa, mas é instruída a não a abrir. Incapaz de controlar sua curiosidade, Pandora não cumpre a exortação que lhe foi dirigida, liberando, dessa forma, todos os tipos de malefícios entre os homens, da mesma maneira que Eva ao ser facilmente manipulada e não resistir às tentações.

Ainda no universo mitológico, temos a figura de Diana, personagem de extremo poder ligado ao submundo, conhecida como deusa suprema das feiticeiras. Ela é citada no *Malleus* como a entidade feminina que guia as mulheres para a perversão. Afirmam os inquisidores: “não se há de omitir que certas mulheres perversas, pervertidas por Satanás e seduzidas pelas ilusões e aparições espectrais dos Demônios, acreditam e professam cavalgarem durante a noite em certas bestas, ao lado de Diana, a deusa pagã” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 155).

O imaginário ocidental manipulado através da religião e de mitos, circundando não apenas um tempo e espaço, mas expandindo-se desde a Grécia Antiga até a Baixa Idade Média, nos mostra que “o terror das mulheres, a crença em que realizam atos sombrios e misteriosos, é um fenômeno antigo e quase universal que cerca os homens, e deve, pois, ser entendido em termos de história do inconsciente masculino” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 146). Portanto, o medo da figura feminina vai além do que Freud chama de “temor da castração”; é um medo mais profundo e alucinante, o medo da própria morte.

3.1 CORPO, SEXO E PECADO: JUSTIFICATIVAS FÍSICAS PARA A INFERIORIDADE FEMININA, SEGUNDO O CRISTIANISMO

Apoiados em justificativas dadas pela medicina antiga, os teólogos medievais passam a reafirmar o caráter torpe do sexo feminino. A inferioridade da mulher, a partir disso, não é mais questão de noções religiosas, mas sim físicas, relacionadas à própria lei natural, colocando o

corpo da mulher como extremamente frágil e suscetível a enfermidades. Macedo explica que esse contraste entre o bom e o mau reside até mesmo nas próprias palavras

“A atitude de desprezo dos homens pelas mulheres, consideradas ao mesmo tempo perigosas e frágeis, era justificada por todos os meios, até pela etimologia da palavra que as designava. Para os pensadores da época, a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier*, o termo que designava o sexo feminino, lembrava *Mollitia*, relacionada à fraqueza, à flexibilidade, à simulação.” (MACEDO, 1992, p. 21)

Ao mesmo tempo, o corpo feminino é também objeto de luxúria e, por esse motivo, é considerado perigoso e maléfico. Portanto, como afirma Macedo “a inferioridade feminina provinha da fragilidade do sexo, da sua fraqueza ante os perigos da carne. No centro da moral cristã, existia uma aguda desconfiança em relação ao prazer.” (MACEDO, 1992, p. 19) As acusadas de bruxaria, em sua grande maioria, eram jovens solteiras ou viúvas sexualmente ativas, o que representava uma enorme disparidade perante uma sociedade que pregava o matrimônio e a castidade como virtude. Os inquisidores denotam a associação da luxúria feminina com a bruxaria ao afirmarem que “nem labaredas sinistras, nem ventos assoladores, nem armas mortíferas: nada há de mais temível que a lascívia e o ódio de uma mulher repudiada do leito matrimonial.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 124)

O prazer físico sempre foi severamente repudiado pelo cristianismo, que considerava que as relações sexuais deveriam ocorrer com o único e restrito objetivo de assegurar a procriação. Assim sendo, na mentalidade cristã, o sexo era um mal necessário e, se os limites da igreja quanto às práticas sexuais não fossem severamente respeitados, era a principal forma de danação e de corrupção da carne. Ainda mais valorizada era a castidade, a recusa de se entregar aos prazeres; “é por isso que os ensinamentos cristãos exaltam o celibato e a virgindade como as mais elevadas formas de vida” (RICHARDS, 1993, p. 34). Os prazeres da carne estavam diretamente ligados ao Diabo e, por esse motivo, muitas eram as regras impostas pela igreja para a realização do ato sexual entre marido e mulher, com a intenção de manter o sexo como algo sagrado, gerador de vida, que purificava a mulher através da maternidade e não como algo demoníaco e mundano. Macedo aponta algumas dessas imposições, que conotam, mais uma vez, o lugar submisso da mulher

“Deveria ocorrer na posição natural, com a mulher deitada de costas e homem sobre ela. Todas as demais posições eram consideradas escandalosas. A mulher não deveria demonstrar sensação de prazer. Deveria manter-se passiva durante todo o ato. A posição em que praticava o sexo, sob o marido, indicava a situação de submissão que dela se esperava. [...] [o marido] não deveria usá-la como se fosse de uma prostituta. A mulher não podia tratar o marido como se ele fosse seu amante. Por intermédio do casamento, o corpo da mulher tornava-se posse do esposo. Mas a alma, essa deveria permanecer na posse exclusiva de Deus.” (MACEDO, 1992, p. 20-21)

O papel subordinado da mulher em relação ao seu marido ressalta a inexorável inferioridade que lhe é designada. As leis eclesiásticas concediam até mesmo a permissão ao marido que espancasse sua esposa caso lhe parecesse necessário, devido à sua essência torpe, descendente de Eva. A mulher, por ser considerada naturalmente maligna, deveria ser castigada e disciplinada. A ideia de amor no matrimônio era inexistente, os casamentos eram meramente comerciais, arranjos por famílias de acordo com suas conveniências ou pela própria igreja. O marido que demonstrasse amor pela sua mulher, era, na verdade, considerado fraco pelos olhos da sociedade, ou estava sob efeito de algum encantamento proferido por sua esposa feiticeira. Essa condição do casamento, posteriormente, se torna uma das justificativas do motivo das mulheres se renderem tão facilmente ao Diabo, pois ele promete e lhes oferece o prazer e a afetividade que não possuem dentro de casa. É citado no *Malleus*, “- eu sou o Diabo, se quiseres, estarei sempre pronto para satisfazer os teus desejos e nunca te deixarei passar por qualquer necessidade” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 220).

3.2 A EXPECTATIVA SOB A FIGURA FEMININA E O PAPEL SOCIAL QUE LHE ERA DESIGNADO

Quando a caça às bruxas estava no seu auge, as solteiras e viúvas eram frequentemente apontadas como criminosas, pois não contavam com o apoio masculino para defende-las das possíveis injustiças que viessem a surgir contra elas. “Tais pessoas, isoladas, infelizes, empobrecidas e rabugentas, eram alvo fácil para as acusações de bruxaria” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 143). Essencialmente, a feiticeira acusada e levada ao tribunal inquisitório era uma mulher pobre e analfabeta, pouco ou quase nada instruída. Segundo Levack, tal constatação é fundamental para compreendermos a dinâmica da perseguição que recaia sobre essas mulheres, pois essa condição de pobre e solitária a colocava em posição de total desvantagem em relação aos seus acusadores. Dessa forma, “ignorante dos processos pelos quais era julgada e das teorias demonológicas, que os seus perseguidores invocavam para explicar as suas ações, facilmente se atemorizava e confundia e não era capaz de organizar uma defesa eficaz” (LEVACK, 1998, p. 221).

No contexto da inquisição, de nada importava a argumentação se a voz que a proferisse fosse feminina. Portanto, sem a proteção de um homem, essas mulheres eram facilmente levadas aos tribunais e, posteriormente, punidas. A mulher solitária tornou-se o centro dos julgamentos, pois não apenas sua condição ia contra o ideal cristão, como também a colocava como uma possível bruxa. “Um semblante zangado poderia ser interpretado como um olhar

maléfico; uma impreciação furiosa, como uma praga; um resmungo, como uma invocação de poderes diabólicos.” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 143)

Para as mulheres, então, restaram poucas possibilidades de salvação e reparação de sua “condição” feminina, sendo algumas delas a virgindade e a dedicação exclusiva à fé, prometendo amar apenas a Deus e nada além, ou a maternidade, pois “assim como Eva foi a responsável pelo pecado original, a Virgem Maria, “nova Eva”, era a fonte de redenção” (MACEDO, 1992, p. 45). No entanto, o ventre que é capaz de gerar a vida, de acordo com os pensamentos misóginos enraizados, é pertencente a um corpo capaz de causar diversos malefícios. Ainda sobre o corpo, “uma das várias razões da situação de relativa inferioridade da mulher na Idade Média é imputada a suas menstruações” (LE GOFF e TRUONG, 2010, p. 40), ou seja, a própria fisiologia feminina, em que o ciclo menstrual pode ser associado com o ritmo lunar, gerava suspeitas, pois a associava com os segredos do cosmos e da natureza, algo considerado de total domínio da feitiçaria. A menstruação é vista como um tabu tão grande que se torna proibido pela igreja que os maridos copulem com suas mulheres enquanto estiverem menstruadas, podendo resultar, segundo as crenças de então, no nascimento de crianças com lepra.

A inferioridade feminina é também construída a partir da sombra da superioridade masculina. Esse embate entre homem e mulher resulta naquele sujeito ligado à honra, à fé, à virilidade, enquanto a segunda, sempre subordinada, não possui tais virtudes. A essência feminina, segundo o que era divulgado, era fraca, debilitada e imoral, naturalmente inferior. Se o homem, de acordo com o cristianismo, foi criado à imagem do próprio Deus, a mulher nada mais era do que um reflexo e, por isso mesmo, uma figura secundária, cuja criação resultou na corrupção da humanidade. Com efeito, “a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como o seu castigo” (MACEDO, 1992, p. 19). O padrão comportamental da mulher, portanto, era definido por outros, e não de acordo com sua autonomia. Ora, se a mulher deveria ser submissa ao homem, a primeira lição que lhe era ensinada era a obediência.

No âmbito do papel social designado à mulher, até mesmo a vassoura teve sua imagem estereotipada, pois, previamente se tratava um instrumento de trabalho feminino. Por ser um objeto associado às tarefas domésticas, representava, de certo modo, a obrigação imposta à mulher de cuidar da casa e mantê-la limpa para agradar ao seu marido. A bruxa subverteu a figura da vassoura e a transformou em um objeto de fuga. No imaginário, aquelas que voavam em vassouras tinham como principal objetivo a traição da fé e da ordem eclesiástica, desprezando as atividades domésticas e a autoridade masculina na figura do marido.

É muito comum, portanto, nos depararmos com a imagem da bruxa como uma mulher que foge dos padrões comportamentais e refuta a ordem premeditada. Nada mais era tão temível do que uma fêmea consciente de seu poder. A relação entre mulher e bruxaria é fruto desse temor e, considerando serem consequências do medo sentimentos como exclusão e repressão, encontramos uma resposta para a ascensão da misoginia. Georges Duby é certo ao dizer que “essa Idade Média é masculina, decididamente” e ainda prossegue com um relato que reafirma seu argumento

“pois todos os discursos que chegam até mim e sobre os quais me informo são feitos por homens, convencidos da superioridade de seu sexo. É apenas a eles que ouço. No entanto, eu os escuto falando antes de tudo de seu desejo e, por consequência, das mulheres. Eles têm medo delas e, para se afirmarem, desprezam-nas.” (apud LE GOFF e TRUONG, 2010, p. 54-55)

Quando se dá início a grande caça às bruxas, todos esses argumentos que feriam a mulher de forma verbal transformam-se em um ódio coletivo que passa a considera-la a verdadeira inimiga da humanidade. A fêmea nefasta, impura, fraca, subalterna, agora é a bruxa, o veículo principal das ações do Diabo. O estereótipo das bruxas se tornou algo tão difundido que é comum cair no esquecimento o fato de que a inquisição também vitimizou homens. No entanto, tratava-se de casos muito específicos em que os acusados tinham a possibilidade de redenção. Já a demonização das mulheres foi impiedosa e essas não se livravam facilmente da barbárie da misoginia. Não obstante a disseminação do ódio e do repúdio causada através dos discursos da Igreja, a publicação do *Malleus Maleficarum*, na segunda metade do século XV, apenas acentuou o negativismo que rondava a figura feminina, colocando sob elas o peso de serem as verdadeiras causadoras de todos os tipos de malefícios que se pudesse imaginar.

Considerando esse histórico da relação de poder entre o homem e a mulher, a igreja e a sociedade, o bem e o mal, podemos vislumbrar a perspectiva segundo a qual a misoginia, em sua forma mais hedionda, teve seu princípio como um ato religioso que utilizou de argumentos mitológicos para disseminar o ódio e repulsa por toda uma categoria de gênero. Devemos, no entanto, destacar que o papel da mulher e a expectativa que se tem a respeito de sua figura são social e politicamente construídos, ou seja, não é algo natural e definido biologicamente. A partir disso, essas estruturas são articuladas para que alguns corpos dominem e exerçam o poder. O que surpreende, como afirma Bourdieu, é “que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais” (BOURDIEU, 2012, p. 7). No caso do cristianismo, essa manipulação das estruturas ficou escancarada em seus documentos sagrados e não se tratou de uma articulação discreta, quase

que imperceptível, mas sim descarada e cruel, resultando na misoginia pura, a qual as mulheres sentiram na pele.

4 A CAÇA ATINGE SEU APOGEU: O *MALLEUS MALEFICARUM* E O ESTEREÓTIPO DA BRUXA

Houve, no imaginário católico, um processo de desconstrução quanto às práticas mágicas e diabólicas. Os escritos eclesiásticos defendiam a extrema negação da existência de atividades profanas, com o argumento de que Deus, com todo seu poder, não permitiria que tais feitos se concretizassem, pois nada nesse mundo ocorre sem a permissão do todo-poderoso. Quanto à negação da realidade física das bruxas, O *Malleus* cita o *Canon Episcopi*, documento emitido pela igreja no século X, que rechaçava a existência de tais atos malignos e pregava que esses pensamentos deveriam ser abandonados, pois acreditar em tais contos fantasiosos seria considerado heresia. No entanto, mesmo negando com veemência a bruxaria como algo real, ainda assim relata a mulher como propensa a tentações diabólicas, enfatizando sua fraqueza. O *Canon* diz:

“Algumas mulheres pecaminosas são pervertidas pelo Diabo e desencaminhadas por ilusões e fantasias induzidas por demônios, pelo que acreditam que cavalam à noite em animais na companhia de Diana, a deusa pagã, e de uma horda de mulheres. [...] Muitas outras pessoas também acreditam ser isso verdade, embora seja um erro pagão crer na existência de qualquer outra divindade além do Deus uno [...] tais fantasias são introduzidas nas mentes de pessoas sem fé, não por Deus, mas pelo Diabo. Pois Satã tem o poder de transformar-se na figura de um anjo de luz. Nessa forma, ele captura e escraviza o espírito de uma infeliz mulher e transforma-se em várias pessoas diferentes.” (apud ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 71)

A partir do século XIV, no entanto, há uma profunda mudança de postura, com o estabelecimento das práticas mágicas não apenas como existentes, mas como verdadeiras obras do Diabo. O processo de construção do estereótipo da bruxa origina-se, como afirma Nogueira (1995, p. 19), de três fatores essenciais: a própria imagem disseminada pelos discursos cristãos a respeito da demonologia, a demonização da figura da mulher e a propagação do medo. No contexto de catástrofe da Idade Média, o cristianismo se viu inserido em verdadeiras epidemias de bruxaria. “Observa-se então, simultaneamente, uma reação defensiva contra o perigo externo e ofensiva em face da obsessão pelo Mal que a feitiçaria representa em seu mais alto grau” (PALOU, 1988, p. 37).

O *Malleus Maleficarum*, escrito e publicado por ordem do Papa Inocêncio VIII, consolidou-se como um manual minuciosamente detalhado para a identificação de uma bruxa e disseminou ainda mais, de forma bizarra, a imagem da mulher pecadora em sua essência, inferior ao homem e serva do Diabo em sua última instância. “O *Malleus* era militantemente – na verdade, psicopatologicamente – misógino. Por mais intrépidos que sejam no combate aos poderes invisíveis, os autores do texto sentiam um terror das mulheres que beirava a demência”

(BAIGENT e LEIGHT, 2001, p. 128). Durante todo o período da caça às bruxas, o *Malleus* foi a bíblia do inquisidor, direcionando seus atos e aconselhando metodologias de perseguição e tortura, sendo as mulheres o principal alvo de sua crueldade. A razão pela qual a bruxaria foi associada diretamente à imagem feminina, segundo o que se reafirmou diversas vezes ao longo da bíblia inquisidora, “é que elas são mais estúpidas, volúveis, levianas, mais frágeis e mais carnisais do que os homens” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 102).

O livro é extremo e cruel em todas as suas páginas. Não há um parágrafo que não seja carregado de misoginia em sua forma mais escancarada. Dividido em três partes, cada uma com suas subdivisões – ou questões, como é colocado no próprio livro – o *Malleus* é perfeitamente didático, o que faz com que o fato de ser tido como um manual não seja uma surpresa. Foi escrito, propositalmente, com essa intenção: guiar a mente e a mão dos juízes e inquisidores, bem como dos seguidores fieis da cristandade, para que se pudesse combater com eficácia o Mal da bruxaria.

Na primeira parte, os autores enaltecem a imagem do Diabo e de como ele utiliza de seu poder para levar as mulheres a se entregarem a ele através da bruxaria. Nesse primeiro momento, há um contraste com os primeiros momentos em que as práticas malignas atingem o imaginário cristão, quando a ideia de sua existência era refutada, pois parte do capítulo trata da permissão de Deus para que tais atos pudessem ocorrer. Anteriormente, Deus era o principal escudo entre o mundo terreno e os atos diabólicos, não permitindo a entrada do Mal. No entanto, no contexto em que foi escrito o *Malleus Maleficarum*, Deus não apenas permitia as ações demoníacas no mundo, mas também as utilizava como instrumento de prova da fé dos cristãos. Aqueles que não se deixassem dissuadir pelo Diabo, eram dignos do reino divino, chamado de Paraíso. Reforçando isso, nessa primeira parte há ainda o debate que exalta como heresia a negação da existência das bruxas.

A segunda parte do *Malleus* é onde o estereótipo da bruxa é construído de fato. Nesse momento, os inquisidores demonstram minuciosamente como reconhecer e como anular os efeitos da bruxaria que pudessem incorrer no cotidiano, pois, as bruxas, como é afirmado, agiam nas pequenas coisas, interferiam na rotina com discretos atos nefastos, até que pudessem atingir o auge de seu poder, causando o caos em sua pior forma. Desde uma vaca que para de produzir leite, até uma criança que adocece ou até mesmo uma tempestade podem ser indícios da prática de bruxaria.

A última e terceira parte dessa bíblia inquisidora demonstra, na realidade, o verdadeiro nível de sadismo do *Malleus Maleficarum*. Esse capítulo é destinado ao julgamento e as punições que devem recair sobre as bruxas, dividido em 35 questões que definem como os

processos devem ser conduzidos e os métodos de tortura pelos quais as acusadas devem ser submetidas.

4.1 DAS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A PRÁTICA DE BRUXARIA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA

Após a publicação e a grande repercussão do *Malleus*, que em seu auge contava com mais de 14 reedições, cristalizou-se o estereótipo da bruxa. Para os inquisidores, todas as bruxas estabeleciam um pacto com o Diabo e, conseqüentemente, renunciavam à fé cristã. Essas servas do Mal reuniam-se com seu mestre nos Sabás, em orgias e rituais de profanação dos elementos sagrados. Em troca de sua alma e seu corpo, as bruxas recebiam poderes malignos para que pudessem propagar as ações do próprio Diabo na Terra. Segundo o *Malleus*, um dos pontos de vista é de que Satanás não era capaz de intervir diretamente na ordem terrena e, por isso, contava com o auxílio de suas servas bruxas, que agiam de acordo com sua maldade e vontade. Nas palavras dos inquisidores, “o Diabo é incapaz de tão facilmente, tão prontamente, causar males, por si só, à humanidade, pois que só os pode causar por intermédio das bruxas, não obstante serem elas suas servas” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 71).

Quatro pontos, de acordo com o *Malleus*, eram necessários para a prática da bruxaria, sendo eles “a renúncia da fé católica, a devoção integral (corpo e alma) ao serviço do Mal, o sacrifício de crianças não batizadas e a prática de orgias que incluíam relações sexuais com o diabo” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 102). As bruxas eram identificadas através de uma série de características físicas e comportamentais, entre elas, a predisposição a entregarem-se carnalmente a seres diabólicos chamados de íncubos. O íncubo ganhou uma ressignificação na modernidade, como um demônio que invade a privacidade de mulheres adormecidas e as abusa. Essa interpretação pode ser observada no quadro de Henry Fuseli (figura 3), que mostra o íncubo com a expressão de perversidade sob o corpo da mulher desmaiada. Pelo viés da bruxaria, no entanto, esse demônio era convidado a entrar em seu quarto e usar de seu corpo.

Figura 4 – O Pesadelo



Fonte: Henry Fuseli, 1781.

Quanto aos filhos da acusada das práticas ocultas, seu destino se refletia no de sua mãe, pois acreditava-se que essas mulheres entregavam, de bom grado, seus filhos ao Diabo, como futuros servos de sua vontade ou como oferenda para que seu mestre pudesse se alimentar delas, tal qual prova da devoção da bruxa para com Satanás. Todas as crianças não batizadas eram fadadas aos atos nefastos da bruxaria e, por isso, deveriam ser eliminadas como um risco para a sociedade cristã. Os inquisidores reafirmam a verdade desses atributos e malefícios e enfatizam a emergência da inquisição, como um instrumento purificador extremamente necessário:

Quisera Deus fosse tudo isso irreal e meramente fantasioso para que livrássemos nossa Santa Madre Igreja da lepra dessas abominações. Infelizmente, o julgamento da Sé Apostólica, única Soberana e Mentora de toda a verdade, expresso na bula de nosso santo padre, assegura-nos e nos torna cientes do florescimento entre nós de tais crimes e malefícios, e não haveremos de nos abster de prosseguir com a inquisição para que não ponhamos em risco nossa própria salvação. (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 84)

A entrega feminina à luxúria de um personagem demoníaco, inimigo principal da cristandade, é comumente presente nas histórias sobre bruxaria que compõem o imaginário medieval cristão. A associação entre feminino, bruxaria e sexualidade se fazia presente de forma irrefutável nos discursos eclesiásticos. Nos relatos daqueles que afirmavam terem testemunhado os Sabás, ou até mesmo nas confissões desesperadas por redenção e perdão, frequentemente era descrita a cena infausta do intercuro sexual entre as mulheres servas do

Mal e seu próprio mestre. “A escuridão que envolvia os encontros das bruxas e feiticeiros exprimia uma exaltação da luz; a explosão da sexualidade feminina nas orgias diabólicas, uma exortação da castidade” (GINZBURG, 1991, p. 15). O desejo sexual incontrolável da mulher era, segundo os inquisidores, uma das principais razões que a tornava predisposta aos atos profanos da bruxaria. Como afirmam os autores do *Malleus*, o próprio “vocábulo mulher é usado para indicar a lascívia da carne” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 123).

Dos relatos sobre o Sabá surge a imagem da bruxa voadora. Os testemunhos a respeito dos voos noturnos afirmavam terem visto uma figura feminina “percorrer grandes distâncias no silêncio da noite” (apud GINZBURG, 1991, p. 94), a caminho de uma reunião liderada, não pelo Diabo, mas sim por uma entidade em forma de mulher, cortejada por um grupo de outras mulheres vindas de diversos lugares. A deusa Diana é uma das crenças pagãs que mais foi difundida no imaginário popular medieval, e seus aspectos remetem exatamente ao modelo estereotipado de feiticeira que está presente nos testemunhos de bruxaria. Portanto, Diana é retratada em diversos momentos como a padroeira das bruxas noturnas, que as leva para cavalgadas na garupa de animais a caminho de orgias e adorações pecaminosas. Além de mencionar o voo noturno conduzido pela deusa pagã Diana, o *Malleus* também associa o transporte das bruxas através dos ares como algo piamente diabólico:

“De posse da pomada voadora, que, como dissemos, tem sua fórmula definida pelas instruções do Diabo e é feita dos membros das crianças, sobretudo daquelas mortas antes do batismo, ungem com ela uma cadeira ou um cabo de vassoura; depois do que são imediatamente elevadas aos ares, de dia ou de noite, na visibilidade ou, se desejarem, na invisibilidade; [...] Já que, vez ou outra, transporta as bruxas em animais, que não são de fato animais mas Demônios naquela forma; e noutras ocasiões, mesmo sem qualquer auxílio exterior, elas são visivelmente transportadas exclusivamente pela força dos Demônios.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 237)

4.2 A BRUXA VOADORA: DE VÍTIMA DA MANIPULAÇÃO DO DIABO À PROTAGONISTA DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

O voo da bruxa é representado iconograficamente diversas vezes durante o período inquisitorial, tamanho era o assombro com que a imagem da mulher voadora se instaurou no imaginário cristão. As representações da bruxa na garupa de animais acompanhada de seu mestre profano, eram difusas, pois cada artista dispunha a mulher em uma posição de dominação diferente em suas pinturas, o que, aliás, nos causa certo questionamento sobre os sentidos precisos da submissão da bruxa em relação ao Diabo.

O pintor alemão Michael Wolgemut interpreta a bruxa (figura 2) montada em um cavalo conduzido pelo Diabo, representado de forma semi-animal, nu, com chifres, tronco humano e

pernas de animal. A mulher nua, porém, coberta, com uma expressão similar a um certo desespero, remete a um possível rapto, como se essa criatura demoníaca estivesse a levando contra sua vontade. Porém, a fraqueza de sua carne e de sua condição feminina a fez concordar com a fuga, pois o Diabo, ardiloso, possui um enorme poder de persuasão. O pupilo de Wolgemut, Albrecht Dürer, possui outra interpretação a respeito da bruxa. Segundo a obra de Dürer (figura 1), é a mulher que controla o Diabo pelo chifre. Não se trata de um rapto, e sim de um momento de total dominação, afixando a bruxa no auge de seu poder diabólico.

Figura 5 - Bruxa monta para trás em uma cabra



Fonte: Albrecht Dürer, 1500.

Figura 6 - Berkeley Witch



Fonte: Michael Wolgemut, 1493.

O que leva Dürer, no entanto, a romper com o paradigma de que a mulher é submissa a seu mestre e, mais ainda, ascende-la em um papel de protagonismo, é uma incógnita. Contudo, remeter a visão de Dürer à sua própria intuição de como seria a posição da bruxa é desconsiderar as experiências que o artista estabelece em seu tempo e espaço e os diálogos em seu meio social, que influenciam em sua percepção. As representações são, sem dúvidas, construções sociais estabelecidas através de relações. Ora, negar isso é negar que o estereótipo maligno da bruxa foi, de fato, construído pela influência católica e o destino que recaiu sob elas nada mais foi senão a mera vontade de homens do clero.

Outra imagem enigmática, posterior a ambos os artistas citados anteriormente, é do alemão Hans Baldung, aluno de Dürer. As representações de professor e aluno, nesse caso, estão mais aproximadas, pois Baldung também interpreta a bruxa em posição dominante. A diferença entre eles, no entanto, reside na marginalidade e no cunho sexual que Baldung emprega em suas obras, além do próprio estereótipo a respeito da fisionomia e do corpo da bruxa. Dürer a representa como uma mulher velha, enrugada, de seios caídos, o que se aproxima mais das interpretações que foram difundidas ao longo dos anos. Baldung, por outro lado, aflora a sexualidade da mulher que cavalga o bode (figura 3), quando seu corpo está no auge de sua jovialidade. Com as pernas elevadas e abertas e com a expressão de satisfação escancarada em seu rosto, a bruxa demonstra total êxtase em sua condição. A mulher representada por Baldung remete à ideia de juventude, liberdade, luxúria, e tudo que era considerado abominável e proibido para o sexo feminino.

Figura 7 - The Witches at the Sabbath



Fonte: Hans Baldung, 1510.

As confissões que chegavam até os tribunais inquisitórios relatavam, inclusive, a real existência dos voos noturnos. O questionamento que esses relatos geram é se a mulher, em sua

condição de bruxa, é a vítima de uma manipulação diabólica ou se ela age por sua própria vontade, pois, ora são representadas como donzelas raptadas pelo Diabo, ora como verdadeiros seres sobrenaturais voando sobre a garupa de animais ou vassouras. A resposta dos inquisidores para essa questão é que “As bruxas depravavam-se através do pecado, logo, a causa de sua depravação não há de residir no Diabo e sim na vontade humana [...] todo ser humano é a causa de sua própria perversidade” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 102).

Nesse ponto, afirma-se a necessidade cristã de enfatizar que a relação entre a bruxa e o Diabo era pactual. A ideia da existência de um pacto com o demônio, automaticamente excluía a possibilidade de que a bruxa era, na verdade, uma vítima. A bruxaria, que poderia antes ser perdoada por se tratar de uma possessão, se torna injustificável por ser pactual. “O Diabo pode possuir uma pessoa contra a vontade dela, mas o pacto, pelo contrário, é sempre voluntário. A bruxa, portanto, serve ao Diabo por sua livre e espontânea iniciativa” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 73).

4.3 A CAUSADORA DOS MALES DO MUNDO

Diversos ingredientes, desde o nascimento de crianças com deformidades, até mudanças climáticas inesperadas que matavam a plantação eram instantaneamente relacionados às práticas malignas das bruxas. O imaginário medieval era tão embebido em crenças no sobrenatural que fazia com que a mente popular fosse facilmente manipulável através do medo. A sociedade desse período vivia em constante estado de temor, pois seu cotidiano era, de fato, digno de tal sentimento. A bruxaria surgia então como uma explicação conveniente para as catástrofes que acometiam diariamente a cristandade medieval, fossem elas naturais ou não.

O estereótipo da bruxa foi difundido em larga escala por meios midiáticos, colocando-a como a principal causadora de todos esses males. Sua imagem é relacionada com violência, doenças, tempestades, animais monstruosos, deformidades e qualquer outra adversidade a qual não encontrassem uma explicação e o *Malleus Maleficarum* entra, nesse momento, como o principal disseminador do medo à imagem da bruxa, pois esta, segundo os inquisidores, não possuía limites ao propagar sua maldade e de seu mestre.

O *Malleus* afirma veementemente que as bruxas eram capazes enfeitiçar animais e homens apenas com um toque de mãos, podendo até mesmo leva-los à morte. Também agiam através de amuletos enfeitiçados escondidos em lugares estratégicos para causar os malefícios de forma discreta. Eram capazes de provocar tempestades apenas proferindo palavras diabólicas ou trazer a infertilidade para os animais ou homens. Numa gravura de Ulrich Molitor (figura

7), bruxas jogam galinhas e cobras em seu caldeirão e logo acima delas formam-se nuvens de tempestades. A bíblia inquisidora possui diversas passagens que explicitam esse *modus operandi*, detalhando precisamente o ritual praticado por elas para obterem cada resultado que desejam. Para exemplificar:

“Mas consideremos, primeiro, o menor desses males, que é o de secar o leite da vaca. [...] Nas noites mais sagradas, seguindo as instruções do Diabo, e para maior ofensa da Divina Majestade de Deus, a bruxa, sentada a um canto de sua casa, com um balde entre as pernas, finca uma faca, na parede ou numa estaca, e a ordenha com as mãos. Reúne então os familiares, que com ela em tudo colaboram, e diz que deseja o leite em abundância. Repentinamente, o Diabo retira o leite do úbere daquela vaca e o faz sair pela faca que a bruxa está ordenhando.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 301)

Figura 8 – Bruxas fazendo chover



Fonte: Ulrich Molitor, 1490.

A conexão intrínseca da bruxa com os segredos da natureza também é um elemento que a torna perigosa, pois a habilidade no manejo de ervas e plantas na execução de poções e encantamentos estão na base de seu malefício. A imagem da bruxa em frente ao seu caldeirão, despejando dentro dele os mais diversos ingredientes encontrados na natureza a fim de produzir reações diabólicas, é frequentemente destacada na iconografia. Fundadoras de uma medicina contrária àquela considerada ideal para a época, as bruxas são capazes de compreender a diferença entre veneno e antídoto. É de conhecimento geral que algumas plantas devem ser evitadas, pois seu consumo pode ser fatal para o ser humano, porém, em um período onde a ignorância tinha como consequência pré-julgamentos, essas mesmas plantas eram chamadas de “ervas da bruxa”, pois, não é surpresa a associação da feiticeira com algo que causa morte sem uma ligeira explicação.

Considerando o contexto medieval, as ervas da bruxa, muitas vezes, eram a solução para as questões cotidianas da população que se via desamparada de médicos quando necessitavam de cura para suas doenças. A medicina da época era exclusiva dos nobres, enquanto o único caminho que restava para os pobres eram os braços da igreja. A bruxa-feiticeira entra em cena, antes de ser demonizada, como a médica dos pobres, através de seu conhecimento de remédios naturais capazes de extinguir doenças misteriosas. Muitas vezes, também, realizava partos, ou era frequentemente procurada em segredo para realizar abortos de gestações indesejadas, geralmente provenientes de abusos sexuais ou adultérios, procedimento abominável para a cristandade. Algumas doenças que causavam sintomas desconhecidos eram, geralmente, consideradas possessões demoníacas pelos olhos da igreja, e acreditava-se que o único remédio possível para isso era o exorcismo. A mulher que porventura curasse a doença através de sua medicina às avessas, era considerada impura, herege, pois sua ação zombava de Deus e da autoridade clerical. Sobre as bruxas que intervinham nas ações curativas da igreja, Kramer e Sprenger as dividiam em três grupos: “as que curam e injuriam; as que injuriam, mas não curam; e as que eram capazes de curar tão somente” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 153). Segundo os inquisidores, os cristãos não deveriam, em hipótese alguma, recorrer a nenhuma delas, pois apenas Deus e seus agentes podem operar milagres. Os únicos remédios possíveis eram aqueles produzidos por mãos humanas, sem interferência de magia, e pelos recursos que a igreja oferecia prontamente, quais sejam, o exorcismo, a penitência e as orações. Se esses não fossem efetivos, afirmam os inquisidores, seria melhor perecer na doença do que recorrer aos atendimentos de uma bruxa.

Após sua demonização, portanto, o método curativo das bruxas através das ervas medicinais passa a ser visto como meramente diabólico, capaz de causar tristeza, loucura, infertilidade ou enfermidades. Os partos realizados por elas dar-se-iam com a intenção de raptar as crianças para seus cultos demoníacos, ou para que os bebês servissem de ingredientes em seu profano caldeirão. A Peste Negra que arrebatava a sociedade medieval é um exemplo claro de um dos argumentos que impulsiona o protagonismo das feiticeiras na causa de malefícios. O inchaço na virilha causado pela doença era considerado uma forma de perversidade da bruxa, que provocou propositalmente esse sintoma para enaltecer sua vulgaridade. A ausência de uma explicação para a doença despejava a responsabilidade sobre a mulher que obtinha o conhecimento dos venenos naturais existentes na natureza.

4.4 “QUEIMEM A BRUXA!”: O JULGAMENTO E A PUNIÇÃO

Após as diversas acusações, as bruxas finalmente recebem seu julgamento e sua punição. A blasfêmia e a completa renegação de Deus, as homenagens ao Diabo, os infanticídios e as orgias sexuais com demônios, a perturbação da ordem e da moral... tudo isso teve como consequência o destino cruel que recaiu sobre elas. Às bruxas não bastavam os castigos de que eram acometidos os simples hereges, como excomunhão ou confisco de bens, ou até mesmo algumas penitências físicas que, mesmo sendo cruéis, não eram suficientes. Devido a seus diversos atos extremamente pecaminosos e às injúrias que causaram aos homens e à cristandade, essas servas do Diabo deveriam sofrer a máxima penalidade.

Se, quando submetidas ao julgamento - entenda-se aqui julgamento como tortura - algumas mulheres resistiam, essa demonstração de força apenas incitava mais o ódio dos juízes, que acreditavam ser a intrepidez das acusadas mais uma obra das forças malignas. Sobre isso, os autores do *Malleus* advertem os juízes sobre a taciturnidade das bruxas, ou seja, algumas delas, com a interferência do Diabo, eram insensíveis à dor e recuperavam-se rapidamente das torturas que lhes eram infligidas. Os inquisidores lhes aconselham:

“o juiz poderá isso descobrir da sua capacidade ou incapacidade de derramar lágrimas, ou de sua insensibilidade sob tortura e da rápida recuperação das forças depois. Neste caso, a suspeita grave seria ainda mais agravada. Não poderia ela, nessas circunstâncias, ser dispensada em absolvição de forma alguma; pelo contrário, de acordo com o sexto método, ela deverá ser condenada à prisão e ao castigo perpétuos.” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 516)

Os manuais inquisitórios que continham uma sistemática muito bem definida e didática possuíam uma lista de questões que deveriam ser feitas nos interrogatórios. As perguntas remetiam a um certo padrão nas acusações, demonstrando o quanto elas eram tendenciosas. Durante esses questionários, os acusados eram submetidos a incontáveis torturas para que admitissem sua culpa e, quando o interrogatório fosse bem sucedido, apontassem outros criminosos. O medo da tortura arrancava confissões e as pessoas que tentavam usar esse método como uma forma de conseguir o perdão da igreja, mesmo colaborando com a inquisição, não escapavam da punição final.

“Há quanto tempo você é bruxa? Por que se tornou bruxa? Como foi que se fez bruxa o que aconteceu nessa ocasião? [Que demônio você escolheu para ser seu amante?] Qual era o nome dele? Qual era o nome do seu mestre entre os demônios? Que juramento você foi forçada a prestar-lhe? Como fez esse juramento e quais foram as suas condições? [...] Como foi organizado o banquete do sabá? Que marca do diabo seu íncubo deixou no seu corpo? [...] Quem são os seus cúmplices na prática do mal?” (apud ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 104).

Essas confissões foram fundamentais na construção dos estereótipos das bruxas, pois, na tentativa de conquistar a redenção ao afirmarem com veemência seu vitimismo em relação aos atos ardilosos do mestre das manipulações que é o Diabo, relatavam cenas com um grau surpreendente de exagero, que mais tarde viriam a construir e determinar a imagem da bruxa. O Sabá é um exemplo claro de uma convenção que se tomou como verdade, a partir dos testemunhos que chegavam aos tribunais, constituindo o principal método para uma caça às bruxas em massa.

À medida que os julgamentos iam se tornando cada vez mais efetivos e a eficiência dos tribunais eclesiásticos ganhavam notoriedade, a lei tornava-se mais severa e encorajava cada vez mais a busca por suspeitos. Até determinado momento, a acusação de um indivíduo contra o outro era a única forma levar alguém a julgamento. Porém, a partir do XIII, quando as inquisições ganharam força e apoio para prosseguirem, iniciaram-se as investigações e perseguições. “Quando as autoridades passaram a procurar ativamente culpados em vez de aguardar passivamente as acusações, estava iniciada a caça às bruxas” (ALEXANDER e RUSSEL, 2019, p. 88).

A inquisição tornou-se extremamente brutal, utilizando dos mais diversos métodos de tortura para forçar confissões de bruxaria. Aqueles que eram incumbidos de aplicar os interrogatórios estavam munidos de instruções sobre o que deveriam procurar e como deveriam proceder e, por meio de interrogatórios e torturas, a bruxaria aparecia nas confissões dos acusados, quer fossem culpados ou não. Os procedimentos inquisitoriais foram arquitetados de tal forma que facilitavam provar a culpa e tornavam quase impossível a inocência. Kramer e Sprenger são enfáticos nesse ponto:

“Depois então, de pronunciada a sentença, os oficiais de justiça devem sem demora preparar a acusada para a sessão de tortura. Durante essa preparação, o bispo e o juiz deverão usar de todo o seu poder de persuasão e dos de outros homens honestos e zelosos da fé para induzirem a acusada a confessar espontaneamente a verdade, se necessário prometendo-lhe poupar a vida” (KRAMER e SPRENGER, 2020, p. 475)

Quando processadas por tribunais civis, as acusadas eram, geralmente, enforcadas, e seus corpos permaneciam pendurados como uma forma de propagar o medo, fazendo com que servissem de exemplo do que aconteceria com quem se deixasse seduzir pelo Diabo e praticasse os atos profanos de bruxaria (figura 9). Já os tribunais eclesiásticos destinavam essas mulheres para a fogueira. A imagem da bruxa pegando fogo em praça pública foi a que mais se difundiu com o passar do tempo. Quando se pensa em caça às bruxas, é comum que a cena imaginada automaticamente remeta à ideia de uma fogueira, o que apenas enfatiza a crueldade e o extremismo da inquisição.

Figura 9 – O enforcamento das bruxas



Fonte: Ralph Gardiner, 1655.

A “fogueira” da inquisição não foi acesa apenas pelos membros da igreja. Todos estavam, de uma certa forma, participando da execução da bruxa, pois, todos foram assombrados por ela, ou pela imagem que o catolicismo construiu para sua própria conveniência. Muitas eram as mãos que incitavam o acendimento das fogueiras, muitos eram os louvores que se proferiam nos momentos de punição, muitas eram as vozes que proclamavam “queimem a bruxa!”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a história da bruxaria, suas construções e interpretações, seus aspectos e suas consequências, através do olhar dos inquisidores é, de fato, uma missão difícil. Não tanto pela complexidade do caráter documental ou com a dificuldade do tratamento do tema em si, mas por certo muito mais pelo repúdio dos argumentos misóginos que desembocaram em uma verdadeira chacina de mulheres inocentes. A relevância desse trabalho reside, justamente, em não esquecermos a história dessas mulheres e, assim, mantermos sua memória como uma forma de respeito e também de resiliência. A importância de falarmos sobre os traumas do passado, das feridas que ainda permanecem abertas e são incicatrizáveis, para que esses traumas não se tornem uma realidade novamente, está em cada linha escrita, tendo sido esse o principal objetivo dessa pesquisa.

Outro importante objetivo do trabalho é a desmistificação do estereótipo da bruxa, destacando que todas as características que a definem como um ser nefasto, agente do Diabo, são construções fundamentalmente sociais, religiosas, políticas, que se fizeram convenientes para um determinado grupo e uma determinada elite em um espaço-tempo específico. A fogueira da inquisição foi acesa pela misoginia em seu apogeu. As bruxas, como eram representadas, provocavam repulsa, mas também, causavam fascínio, pois a imagem da bruxa não deixava de dar, a seu modo, os primeiros passos em direção a um processo civilizador que retira a mulher de sua posição de inferioridade. A bruxa representa a negação de um sistema patriarcal determinante de papéis sociais e de hierarquia, e era contra isso que os homens e a igreja tanto lutavam.

Podemos afirmar, então, que o processo de construção do estereótipo da bruxa foi, em última instância, uma tentativa de desumanização da mulher. Não por ser considerada inferior, mas, justamente, pelo contrário, por ser detentora de poderes inimagináveis e incompreensíveis. Nesse processo, percebemos como é possível que um grupo dominante fixe um estereótipo de subalternidade sobre outros seres humanos e como isso é refletido na modernidade.

A misoginia que mandava bruxas para a fogueira desde o século X é a mesma misoginia que comete feminicídios no século XXI. As justificativas que convenciam a sociedade de que a mulher era submissa ao homem por sua essência são as mesmas justificativas que enquadram a mulher em posição de inferioridade nos tempos atuais, seja social, econômica, política ou culturalmente.

Essa pesquisa foi baseada em um amplo uso da literatura e revisões bibliográficas, pois pouco se tem de fontes documentais a respeito da bruxaria na Idade Média, além dos ricos

registros iconográficos, que foram fundamentais na sustentação da ideia do estereótipo da bruxa ao longo de todo o trabalho. As representações imagéticas da época são interpretações do imaginário que se instaurava nas mentalidades e nas sensibilidades dos indivíduos ao longo da Baixa Idade Média, e foi precisamente isso o que buscamos durante a pesquisa: compreender a construção de uma mentalidade a partir dos discursos e a manipulação de um grupo dominante. No caso específico desse tema, a análise iconográfica, além da utilização do *Malleus Maleficarum* como fonte principal, permitiu tecer importantes associações entre a feiticeira representada nas obras literárias e as mulheres acusadas de bruxaria, caracterizadas através de imagens.

O significado da imagem da bruxa representa, em última instância, uma força natural detentora de poderes incontáveis que meros humanos mortais são incapazes de imaginar e de, conseqüentemente, se defender. Mesmo que a força da bruxa não seja associada a ações maléficas, ainda assim é ressignificada como uma ameaça à ordem, seja social, religiosa, ou a própria ordem do universo, por ser tão alheia ao mundo terreno. Essa bruxa não pode ser definida como uma simples feiticeira, pois ela interpreta um papel de importância muito maior, que simboliza a força e a resiliência feminina em tempos de propagação de um ódio cuidadosamente direcionado.

No final do século XX ocorre um fenômeno com o qual os inquisidores não contavam. A principal luta da mulher contemporânea é romper com os mesmos tabus que fizeram as bruxas serem queimadas: a busca pela liberdade e expressão de sua sexualidade sem nenhuma forma de repressão. Essas mulheres, no entanto, não podem ser enviadas para a fogueira, pois, são elas que inserem, pela primeira vez, os valores femininos em um mundo quase que inteiramente masculino. A figura do inquisidor é substituída pelo homem que ainda ousa a oprimir, muito embora ele não possa mais queimá-la. A fogueira já não é mais o fogo que a mata, mas sim a luz que ilumina seu caminho em direção à sua liberdade de existir.

FONTE

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*: O Martelo das Feiticeiras. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, B. & RUSSEL, J. B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2019.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A inquisição**. Imago, 2001.

BETHENCOURT, Francisco. **O Imaginário da Magia**: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CIVITA, R. et. Ali., (Dir.) **Mistérios Desconhecidos**: Bruxas e Bruxarias. Rio de Janeiro: Abril Livros Ltda., 1997.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios**. A idéia da bruxaria no princípio da Europa Moderna. São Paulo: EDUSP, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**: as práticas mágicas no Ocidente cristão. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PALOU, Jean. **A feitiçaria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.

PIERONI, Geraldo; PALAZZO, Carmen Lícia; SABEH, Luiz Antônio. **Entre Deus e o Diabo: santidade reconhecida, santidade negada na Idade Média e Inquisição portuguesa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

PILOSU, Mario. **A mulher, a luxúria e a igreja na idade média**. Lisboa: Editorial Estampa, Lda., 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **História da Feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas: noivas de satã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.